

Como o *Correio das Artes* “desocultou” o quilombo - Caiana dos Crioulos

Elizabeth Olegário Bezerra da Silva *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3718-2966>

RESUMO

O presente trabalho visa resgatar a reportagem “Um quilombo esquecido”, de Ivaldo Falconi e o seu conjunto de fotografias, assinadas por Gilberto Stuckert. A reportagem foi publicada na década de 1940 no suplemento literário “Correio das Artes”, do jornal *A União*, da Paraíba. Considerada uma das fontes documentais mais antigas sobre a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, este documento revela o papel da imprensa na modificação dos modelos socio-culturais, antecipando o reconhecimento político de práticas e de comunidades pouco conhecidas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidades quilombolas; Suplementos literários; Paraíba; Imprensa.

ABSTRACT

The present work aims at rescuing the article “Um quilombo esquecido” (A forgotten quilombo), by Ivaldo Falconi and its set of photographs, signed by Gilberto Stuckert. The article was published in the 1940s in the literary supplement “Correio das Artes”, of the newspaper *A União*, from Paraíba. Considered one of the oldest documentary sources on the quilombola community of Caiana dos Crioulos, this document reveals the role of the press in changing socio-cultural models, anticipating the political recognition of little-known practices and communities.

KEYWORDS

Quilombola communities; Literary supplements; Paraíba; Press.

Komu korreiu de Arte “dezolkultou” u Kilombu – Kaiana dus Krioulus¹

RESUMU

Ese troboi te pretendê resgatá a reportagen “Un kilombu eskeside”, de Ivaldu Falconi i un konjunt de fotogrefias, assinode pe Gilbert Stuckert. Ese reportagen foi publikode ne dékada de 1940 nu suplementu literáriu “korreiu de Artes”, de jornal *A União*, de Paraíba. Considerode un de kês fontes dokumentais mês entig sobre Komunidade kilômbola de Kaiana dus krioulus, ese dokumente te revelá pepel de imprensa ne modifikasão de

* Doutoranda em Estudos Portugueses: Área de Especialização: História do Livro e Crítica Textual, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). É bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal - FCT/PT, (SFRH/BD/145768/2019). É Investigadora Integrada do Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM NOVA FCSH) e membro do Grupo de Investigação em Leitura e Formas de Escrita do (CHAM NOVA FCSH). É graduada em Letras Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: elizabeth.olegario@gmail.com

¹ O resumo foi traduzido para a língua cabo-verdiana (variante Barlavento) por Hilarino da Luz.

modelus sócio.kulturais, antesiponde, esin, rekonhecimentu polítika de prátikas e de komunidades poke konteside.

PALAVRAS-XAVE

Kumunidades kilombola; suplementus literárius; Paraíba; Imprensa.

1.Introdução

Realidade com raízes profundas na economia e nas lutas sociais seculares, mas simultaneamente marginal e longamente ignorada ou pouco conhecida, a comunidade remanescente de quilombo Caiana dos Crioulos está situada nos municípios de Alagoa Grande e Alagoa Nova, na região do Brejo Paraibano, Estado da Paraíba, nordeste brasileiro. A comunidade nasce de uma economia assente nos engenhos de açúcar, numerosos na região, e que utilizavam “mão de obra escrava advinda de Angola²” (Luiz, 2019, p.106).

O engenho foi o centro da sociedade colonial. Há que lembrar que, até meados do século XVIII, o Nordeste fora uma das regiões economicamente mais ricas do Brasil, tendo sustentado por mais de 300 anos. “A colonização no Nordeste começou com a construção de engenhos. Foi o açúcar o motivo da colonização, isto é, o fator a prender o elemento humano à terra. Através das fábricas de açúcar se constituiu a economia agrária no Nordeste”. (Júnior, 1954, p.21).

A contribuição do negro africano foi vital na região açucareira uma vez que constituía a principal força de trabalho sendo, portanto, um dos tripés de sustentação da sociedade colonial cuja base era o latifúndio, o escravismo e a monocultura. A presença negra na Paraíba é antiga. Solange Pereira Rocha, na tese *Gente Negra na Paraíba Oitocentista: População, Família e Parentesco Espiritual* relata que os trabalhadores “fizeram-se presentes desde as primeiras expedições até o fim da escravidão no país, desenvolveram atividades produtivas que concorreram para construção material e cultural da sociedade paraibana” (Rocha, 2007, p.54). Já Maria da Vitória Barbosa Lima (2013)³ afirma que, com o fim do tráfico internacional, os senhores passaram a escravizar gente livre e pobre. A Paraíba, em 1852, teria “um conjunto de escravos, que perfazia um total

²Luiz, J. M. (2019). Caiana dos Crioulos e seus encantos: problematizando a constituição de lugares de memória em uma comunidade quilombola paraibana. *História Oral*, 22(1), 102–124. Recuperado de <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/890>. Acesso em: 22 fev.2019.

³ Lima, Maria da Vitória Barbosa. *Crianças Negras em Cativo Ilícito na Paraíba do Norte Oitocentista*, 2013, p.3 Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364463328_ARQUIVO_LIMAArtigoXXVIISNHANPUH.pdf Acesso em: 22 fev.2019.

de 28.566 pessoas. Contudo, em 1867, a população escrava na província aumentou consideravelmente, passando a 40.000 cativos” (Lima, 2013, p.3)

2. Quilombo como resistência

O Brasil foi último país do continente americano a abolir a escravidão. Durante três séculos, de 1530 a 1888, esse sistema económico vigorou oficialmente. E contra esse modelo desumano houve inúmeras formas de resistências. Dentre elas, fugas, insurreições, rebeliões, assassinato, alianças entre os fugitivos e setores da sociedade, entre outros. O quilombo era um “polo de resistência que fazia convergir para o seu centro os diversos níveis de descontentamento e opressão de uma sociedade que tinha como forma de trabalho fundamental a escravidão (Moura, 1986, p.31)”.

Clóvis Moura explica ainda como a condição de escravo criou movimentos e atitudes contrariando o sistema escravista. “O escravo não foi aquele objeto passivo que apenas observava a história.” mas “(...) pelo contrário”, foi “um componente importante no desgaste do próprio sistema” (Moura, 1986, p.8). Os quilombos foram importantes movimentos de negação do sistema escravista forjado pelos escravos. Para mostrar que não se tratou de um fenómeno esporádico Clóvis Moura apresenta a definição colonial de quilombo.

Quilombo era “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que tenham rachos levantados nem se achem pilões neles”, segundo resposta do Rei de Portugal a consulta do Conselho Ultramarino datada de 2 de dezembro de 1740. De acordo com esta definição da Metrópole, o Brasil se converteu, praticamente, em um conjunto de quilombos, uns maiores, outros menores, mas todos significativos para a compreensão da nossa história. O quilombo, conforme a definição acima, por isto mesmo, não foi um fenómeno esporádico. (Moura, 1986, p.16).

Essa definição do Conselho Ultramarino, de 2 de dezembro de 1740, irá moldar o olhar da historiografia clássica e influenciará os trabalhos de Artur Ramos e Edison Carneiro. Esses autores trabalharam o quilombo estático, ligado ao passado, isto é, ao período da escravidão e como um espaço de isolamento, leitura que não dará conta da diversidade e da complexidade das relações sociais existentes nas sociedades

escravocratas “nem as diferentes formas pelas quais os grupos negros apropriaram-se da terra”⁴ .

Flávio dos Santos Gomes em sua tese *A Hidra e os Pântanos: Quilombos e Mocambos no Brasil (Sécs. XVII – XIX)*, explica que a historiografia clássica analisou os quilombos a partir de duas chaves de leitura: 1- nos anos 1930 sob a influência de Raimundo Nina Rodrigues e da Antropologia Cultural, com o pressuposto antropológico de “caraterizar os quilombos e mocambos no Brasil numa perspectiva da ‘contra-aculturação’” (Gomes, 1997, p.5). O autor explica que os trabalhos de Edison Carneiro, Artur Ramos e Roger Bastide interpretavam o quilombo enquanto resistência cultural, de uma África – via de regra romantizada – no Brasil” (*Ibidem*, p.5.). 2- Crítica das interpretações da primeira, fazendo uma “revisão nos aspectos da suposta docilidade dos cativos e do carácter brando da escravidão no Brasil” (Gomes, 1997, p.5) esta corrente surge nos anos de 1960 e analisará os quilombos em uma perspectiva marxista. Dentre os autores estão Clóvis Moura, Alípio Goulart, Luís Luna e Décio Freitas.

Gomes (1997) defende que apropriação do quilombo como representação política pela militância é anterior aos anos de 1970 e refere os anos 1920 a “imprensa negra” paulistana. No entanto, ele sinaliza o final da década de 1970 como uma encruzilhada. Isto é, neste período “se dá a forma mais explícita de construção política e reelaboração da ideia de quilombo” (Gomes, 1997, p.7)”. Essa reelaboração se processa tanto nos meios intelectuais como entre os militantes.

Para a militância negra – pelo menos a emergente dos anos 70 – o quilombo também apareceria como símbolo a ser agenciado. E isso não foi só sob influência dos intelectuais. Podemos pensar de forma inversa. Podemos dizer que esta “resgatou” muitos significados dos quilombos (heróis em luta, resistência cultural, etc) para construir os de uma *identidade étnica*. Ou seja, os quilombos, sobretudo Palmares- eram ao mesmo tempo sinônimo de luta, uma luta armada e direta, como também representavam o ideário (como um espaço socialmente construído) de resistência cultural. (Gomes, 1997, p.8).

Destaca-se também Abdias do Nascimento e o seu pensamento sobre o quilombismo, definindo o quilombo como a continuidade da consciência político-social. Este autor ultrapassa o conceito colonial de quilombo e retifica: “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência,

⁴ Schmitt, Alessandra; Turatti, Maria Cecília Manzoli; Carvalho, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade* - Ano V - No 10 - 1o Semestre de 2002, p.2 Disponível em <https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrdk/?format=pdf&lang=PT> Acesso em: 22 fev.2019.

comunhão existencial” (Nascimento, 2019, p.289-290). O modelo quilombista atuaria “como ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV. “[...]o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e do meio geográfico (Nascimento, 2019, p.283)”.

Por seu lado, Kabengele Munanga vai defender, em *Origem e Histórico do Quilombo em África*⁵, que “o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos” (Munanga, 1996, p.63).

Regressando a Flávio dos Santos Gomes, vemos como ele busca reexaminar a resistência escrava. “As ações de resistências e rebeldia dos escravos não podem tão somente ser analisadas enquanto reações diretas às práticas coercitivas de seus senhores”. (Gomes, 1997, p.12) O autor explica que as formas de resistências devem ser observadas através da forma como os escravos reelaboraram e transformaram o universo que viviam. “Era no cotidiano das experiências escravas que se tornava possível perceber a recriação permanente dos significados de liberdade” (*Ibidem*, p.12).

Em “Quilombo” (2008) José Marcos Arruti refere que o conceito vem passando ao longo do tempo por uma série de “ressemantizações⁶”. Trata-se de um conceito aberto, em disputa. E, nesta, disputa está “em jogo o quanto de realidade social o conceito será capaz de fazer reconhecer⁷”. Está em questão toda uma história de “cidadanias mutilada⁸” As comunidades remanescentes de quilombo estão espalhadas por todo território nacional. É com a Constituição Federal de 1988, no artigo n.º 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT – CF, 1988), que o reconhecimento das terras dos remanescentes de quilombos e sua organização serão preservadas por lei. “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos⁹”.

⁵ Munanga, K. (1996). Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, (28), 56-63.

⁶ Ver José Marcos Arruti. “Quilombos”. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

⁷ José Marcos Arruti. “Quilombos”. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

⁸ Ver Cidadanias Mutiladas, de Milton Santo. In: Preconceito, Júlio Lerder (org.). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado 1996/1997, p.133. Disponível em http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-cidadanias-mutiladas_MiltonSantos1996-1997SITE.pdf Acesso em: 22 fev.2019.

⁹ Ver a Constituição Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 22 fev.2019.

3.Caiana dos Crioulos - A mais antiga comunidade negra rural da Paraíba

Falar de Caiana dos Crioulos é resgatar uma parte da história das comunidades negras do Brasil. Caiana do Crioulos foi auto-reconhecida enquanto comunidade remanescente de quilombos em 2005. Para Luiz (2013, p.13-14)

[...] as características de Caiana dos Crioulos não a colocam como um espaço que desperta interesse apenas em âmbito local. As experiências ali vivenciadas, na atualidade e no passado, são capazes de chamar a atenção em várias esferas, seja por produzirem um realce particular que dão à história das populações negras no Brasil, sobretudo no que tange às vivências e sociabilidades criadas por negros e negras no período pós abolição, seja através de outros recortes temáticos – embora não dissociados desse primeiro –, como relações de gênero, religiosidade, trabalho, entre outros. Caiana dos Crioulos chama a atenção ainda por se tratar dos descendentes das diversas gerações de seres humanos escravizados que dedicaram suas vidas ao labor nas propriedades dos senhores e que, com seus suores e forças de trabalho, participaram ativamente da construção não só do Brejo paraibano ou do Estado da Paraíba, mas da lenta construção social do Brasil. (Luiz, 2013, p.13-14).

3.1.Os jornais documentam e documentam-se

Os jornais tem sido uma fonte importante para quem procura informações sobre a escravidão no Brasil. No século XIX, jornais como *Diário de Pernambuco*, *Diário de Alagoas*, *Jornal da Paraíba*, *Liberal Paraibano*, trazem notícias, anúncios, crônicas onde esta realidade é vista pela perspectiva dominante. Daí a noção de que, ao documentarem, se estão documentando e ao seu olhar. Lembremos dois trabalhos precoces desta utilização: *Três séculos de escravidão na Paraíba* (1935), de Ademar Vital e a conferência de Gilberto Freyre: *O escravo nos anúncios dos jornais no tempo do Império* (1936).

De tudo o que se disse, sobressai a importância da reportagem: “Um quilombo esquecido”, publicada a 25 de setembro de 1949, no número 25 do suplemento literário “Correio das Artes” assinada pelo jornalista Ivaldo Falconi. Ou seja, 48 anos antes do auto-reconhecimento dessa comunidade o suplemento d’A *União* denunciava a segregação vivida pelos sujeitos dessa comunidade e trazia para a cena um pouco do cotidiano e das suas práticas culturais. Essa reportagem resultara de uma visita à comunidade quilombola Caiana dos Crioulos a 3 de fevereiro de 1949. Nela, tinham estado presentes, além do jornalista, o fotógrafo Gilberto Stuckert e o maestro José Siqueira, regente da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, que estava na Paraíba pesquisando o folclore musical. Diz Ivaldo Falconi:

No sudeste de Alagoa Grande, nos limites com os municípios de Campina Grande, Ingá e Alagoa Nova, em um dos contrafortes da Serra da Borborema, fica localizado a região denominada Caiana. Essa região que mede aproximadamente seis quilômetros de extensão por seis de largura, a 120 quilômetros apenas da Capital do Estado, é habitado por negros, que vivem condições quase primitivas e em estado de relativa segregação racial e cultural. Apesar de fixadas a apenas 18 quilômetros da cidade de Alagoa Grande, poucas pessoas na sede do município conhecem o arraial onde habitam, porque o mesmo fica situado á margem das estradas e caminhos que seguem para Campina Grande e Alagoa Nova. E muito menor é o número dos que podem fornecer qualquer informação, mesmo vaga e imprecisa, sobre a história, costumes e condições de vida daquela população. Embora habitantes de um município de população quase toda predominantemente branca, de origem portuguesa, não era de esperar que os “negros” de Caiana em virtude do contraste, fossem constituir objeto de pesquisa dos agricultores e fazendeiros locais, absorvidos pelos seus próprios problemas, dada a falta de estímulos para iniciativas de ordem intelectual que é característica da vida de nosso meio. Os negros de Caiana continuaram assim, ignorados e segregados só entrando em contato com a população na festa do Ano Bom, manda a sua orquestra, uma cutilada a que dão o nome de “pancadaria”, tocar na cidade sob a batuta de mestre “José Punaro.” (A *União*, 25 de setembro de 1949, p.7).

Considerado, até então, o documento mais antigo que narra à visita de pessoas externas a essa comunidade, a reportagem denuncia a invisibilidade e segregação vivenciada pelos habitantes de Caiana do Crioulos e aponta a Banda de Pífano, do maestro José Punaro, como elemento de integração da comunidade de Caiana com Alagoa Grande. Este contato mostrava um quilombo não de foragidos, mas de pessoas que se integram com as comunidades vizinhas. Polissêmica, a reportagem trabalha com dois modos de leitura, uma através do texto onde a leitura se realiza em dois níveis: o dos grafemas inscritos na página e as imagens construídas no enredo, as ações dos personagens, os momentos descritivos e a outra que se dá a partir da leitura do material iconográfico de Gilberto Stuckert. Desta maneira, fotos e texto se complementam, dando à reportagem uma maior riqueza de detalhes.

Fotografia 1 : “Pratos e pífanos”



Um sólo de pífanos

Fonte: Acervo de Chico Pereira

Fotografia 2 : “Um solo de pífanos”



Pratos e pífanos

Texto de
IVALDO FALCONI
Fotos de G. Stuckert

Fonte: Acervo de Chico Pereira

As fotografias de Gilberto Stuckert potencializaram o texto de Ivaldo Falconi, clarificando as narrativas e fornecendo um testemunho visual e material das práticas culturais e cotidianas da comunidade negra rural mais antiga do Estado da Paraíba, ou seja, fotografia e narrativa constituem-se como importantes documentos que testemunham a existência dessa comunidade.

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, na natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido congelado pelo registro fotográfico é irreversível. (Kossoy, 1989, p. 101).

Podemos dizer que as fotografias de Gilberto Stuckert atuaram como importantes artifícios de preservação da memória das práticas culturais e cotidianas da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, podendo ser memórias documentais que podem contribuir para maior compreensão das práticas culturais dessa comunidade.

Fotografia 3 : “A caminho da fonte, conduzindo potes, fabricados na região”



Fonte: Acervo de Chico Pereira

Na fotografia 3 vemos duas mulheres com potes na cabeça a caminho da fonte. Há uma grande espontaneidade na foto, e talvez elas nem tivessem percebido que estavam sendo fotografadas. As fotografias de Stuckert revelam traços do *modus vivendi* da comunidade de Caiana dos Crioulos. Assim, o resgate destas fotografias, bem como o texto de Falconi, atestam a riqueza cultural dessa comunidade e evidenciam a necessidade de premente investigação e preservação de sua história.

O “Correio das Artes”, ao publicar esta reportagem, não transmitiu apenas informação. Criou uma realidade ao constituir o quilombo como objeto digno de atenção. Estabeleceu um conceito que apenas mais tarde se tornaria instituição. O suplemento de *A União* sempre se colocou como um importante divulgador das artes e da cultura no estado da Paraíba e do Brasil, e como mostra a reportagem, com a comunidade de Caiana não foi diferente. Ao observamos o “Correio das Artes” podemos constatar que esta foi a matéria onde se usou o maior número de fotografias, algo “atípico” no suplemento, já que nele o texto sempre estava em primeiro plano. Esse material iconográfico, no suplemento, não tinha a função de mero acessório ao texto, mobilizando várias linguagens artísticas.

É preciso lembrar também que no “Correio das Artes”, além de um corpo de colaboradores para o texto escrito, também havia um corpo de ilustradores formado por Santa Rosa, Hermano José, Pancetti, Hélio Feijó e Augusto Reynaldo.

Em 1999, sob a direção de Linaldo Guedes, o suplemento d’ *A União* passou por um processo de modernização gráfica, adquirindo o formato de revista e, mesmo inserido em um período de popularização da fotografia, o texto continua sendo o principal elemento do suplemento. De acordo com Moisés de Lemos Martins “A palavra é, por excelência, o grande mito da civilização ocidental. A nossa razão é discursiva, tanto na tradição greco-latina, como na tradição judaico-cristã” (Martins 2011, p.1). Esta tradição da palavra, segundo Boris Kossoy em seu livro “Fotografia e História”, também foi responsável por vários entraves no uso da fotografia, um deles é o reconhecimento delas como sendo documentos históricos. Para Kassoy (1985) nem só a tradição provocou estes entraves, mas os próprios pesquisadores, pois afirma que sempre houve por parte dos pesquisadores uma resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação quando ela não partia de cânones tradicionais da comunicação escrita. “ [...] Há que tomar a palavra “documento” no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem ou de qualquer maneira” (Samaran *apud* Kossoy 1985, p.19).

Desta maneira, as fotografias de Gilberto Stuckert tiveram um papel decisivo nessa reportagem. Numa definição elementar, “O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo.” (Dubois 1994, p.30). Mas, mais do que isso, apesar de mudas, elas prendem o leitor, mostrando o que as palavras não tinham força bastante para expressar.

Fotografia 4 : “Ao cair da tarde, regressando da feira de Alagôa Nova”.



Fonte: Acervo de Chico Pereira

Fotografias 5 e 6: “Mediante o pagamento de uma taxa denominada “conga”, a um proprietário vizinho, os negros de Caiana transformam a mandioca de suas lavouras em farinha. Essa taxa é de dois litros em casa dez litros fabricados.- A fotografia mostra flagrantes do trabalho na casa de farinha”.



Fonte: Acervo de Chico Pereira

As fotografias de Stuckert mostra o cotidiano e as interações exercidas pelos moradores do quilombo. Mais que meros registros factuais da realidade, as fotografias de Stuckert podem auxiliar no entendimento da dinâmica do cotidiano dessa comunidade, podendo contribuir para maior compreensão da sua história através desse recorte imagético do passado. Nas imagens se observam mulheres indo pegar água na fonte, outras voltando da feira, o trabalho na casa de farinha, os integrantes da orquestra típica, cujo ritmo musical se intitulava Pancadaria.

[...] É importante observar, no entanto, que o termo pancadaria não era utilizado para designar uma falta de coordenação entre os músicos, mas sim a importância dada aos instrumentos de percussão durante as apresentações que, se ficavam em segunda importância frente aos pífanos, eram os responsáveis pela maior animação dos participantes das apresentações (Luiz, 2013, p.90).

Falconi relata que a pancadaria executava quatro gêneros que era a marcha, baião, tango e a peça. Para ele, o baião possuía maior riqueza melódica e rítmica. A

Elizabeth Olegário B. da Silva, Como o *Correio das Artes* “desocultou” o quilombo - Caiana dos ..

reportagem “**Um quilombo esquecido**” surgiu do interesse do maestro José Siqueira de conhecer o folclore musical da Paraíba e, visitando o quilombo de Caiana dos Crioulos, procurava conhecer a orquestra típica coordenada pelo mestre José Punaro, que as fotografias registraram.

Fotografia 7 : “Orquestra típica da comunidade constituída de sete figuras: triangulo, prato, dois pífanos, bombo, tambor e caixinha. É interessante observar que o mestre do conjunto, José Punaro (de pé ao centro) toca pratos”.



Fonte: Acervo de Chico Pereira

Fotografia 8: “Detalhe da Orquestra. Tambor e Caixa”. Fonte: Acervo de Chico Pereira



Fonte: Acervo de Chico Pereira

Falconi explica que, a pedido do maestro José Siqueira, o mestre José Punaro juntou a banda para uma apresentação aos visitantes. Cada componente da banda é apresentado: José Bombo Filho (bombo), José Téo e Antônio Téo (pífanos), João Téo (tambor), Manoel Téo (caixinha), Augusto Luiz Caitano (triângulo) e o mestre José Punaro (prato). Segundo relato de Avelar *apud* Luiz 2013, p 89 a bandinha era a grande atração da época.

Na inauguração do abastecimento d'água da cidade, em 1948, a Banda esnobou, especialmente porque era a maior atração para os visitantes, a famosa e brilhante Banda da Polícia Militar, vinda da Capital, que puxava a passeata, e se impuseram dentro da sua rudez e simplicidade como atração maior da parte festiva. (Avelar *apud* Luiz 2013, p 89)

Se tivermos presente o processo de ressignificação do termo “quilombo”, nos finais do século XX, entendemos o olhar desta reportagem como quase etnográfico, atenta a gestos e necessidades, por vezes ingénuas, mas ao mesmo tempo, potenciadora da crítica- No final da reportagem, Falconi constata que a comunidade estava passando por um processo de descaracterização dos costumes e tradições e sugere a necessidade de

pesquisa e estudos especializados. Para ele, este poderia ser um rico material a ser investigado. Para nós, finalmente, a reportagem revela uma dupla realidade. A do quilombo revelado, e a do papel da imprensa na modificação dos modelos socioculturais, antecipando o reconhecimento político de práticas e de comunidades pouco conhecidas.

Referências

ARAÚJO FILHO, Hildeberto Barbosa. *Correio das Artes: Breves anotações para sua história*. João Pessoa: União, 2000.

ARRUTI, José Maurício. “Quilombos”. In: PINHO, Osmundo (Org.). *Raça: Perspectivas Antropológicas*. Salvador: EdUFBA, 2008. Disponível em:

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/ARRUTI-%20Jose.%20Quilombos.pdf>
Acesso em: 14 set. 2014.

COSTA, Willian. “Editorial”. *Correio das Artes*. João Pessoa, nº 11-12, p. 1, jan /fev 2013.

DUBOIS, Phillipe. *O ato fotográfico*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas (SP): Papyrus, 1994.

FALCONI, Ivaldo. “Um quilombo esquecido”. *Correio das Artes*. João Pessoa, n.25, p. 7-8, 25 set. 1949.

FERNANDES, Florestan, *Significado do protesto negro*, São Paulo, Expressão Popular, 2017.

GOLZIO, Derval. *Fotografia e imprensa: Breve itinerário sobre usos e tecnologia*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pantanos: Quilombos e mocambos no Brasil (Sécs. XVII –XIX)*. 773 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas , Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997. Disponível em:

<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9920> Acesso em: 14 set. 2014.

JÚNIOR, Manuel Diégues, *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*, São Paulo, Comissão Nacional de Alimentos, 1954.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática S.A. 1989.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Maria da Vitória Barbosa. “Crianças Negras em Cativo Ilícito na Paraíba do Norte Oitocentista”, *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH*, Natal, 2013,

Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364463328_ARQUIVO_LIMAArtigoXXVIISNHANPUH.pdf Acesso em: 14 set. 2014.

LUIZ, Janailson Macêdo. (2013). *Das ressignificações do passado: As artes da memória e a escrita da história da comunidade remanescente de quilombos Caiana dos Crioulos*, Alagoa Grande-PB. 191 f. Dissertação (Mestrado em História)- Departamento de História, Universidade Federal de Campina Grande.

LUIZ, Janailson Macêdo. (2019). “Caiana dos Crioulos e seus encantos: problematizando a constituição de lugares de memória em uma comunidade quilombola paraibana”. *História Oral*, vol. 22, nº1, p.102–124. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/890> Acesso em: 14 set. 2014.

LUNA, Luiz, *O negro na luta contra a escravidão*, Rio de Janeiro, Leituras SA, 1967.

MARTINS, Moisés de Lemos. “O que podem as imagens. Trajecto do uno ao múltiplo” in *Imagem e pensamento*, Coimbra, Grácio, 2011, pp.129-138. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25345/1/o_que_podem_as_imagens.pdf> Acesso em: 14 set. 2014.

MARTINS, Eduardo, *A União Jornal e História da Paraíba: Sua Evolução Gráfica e Editorial*. João Pessoa: União, 1978.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1986. Disponível em: <https://regabrasil.files.wordpress.com/2018/10/os-quilombos-e-a-rebelic3a3o-negra-1986.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.

MUNANGA, Kabelenge. “Origem e histórico do quilombo na África”. *Revista USP*, (28), 1996. 56-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>. Acesso em: 14 set. 2014.

NASCIMENTO, Abdias. *Documentos de uma Militância Pan-Africana*. 3º ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

ROCHA, Solange Pereira. *Gente Negra na Paraíba Oitocentista: População, Família e Parentesco Espiritual*. Recife, 390 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7133/1/arquivo3323_1.pdf Acesso em: 14 set. 2014.

SANTOS, Milton, “As cidadanias mutiladas” In: LERDER, Júlio (Org.). *Preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado 1996/1997, pp.133-144. Disponível em http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-cidadanias-mutiladas_MiltonSantos1996-1997SITE.pdf Acesso em: 14 set. 2014.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. “A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas”. *Ambiente & Sociedade* - Ano V - No 10 - 1o Semestre de 2002, p.2 Disponível em <https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrk/?lang=pt> Acesso em: 14 set. 2014.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

Para citar este texto (ABNT): DA SILVA, Elizabeth Olegário Bezerra. Como o *Correio das Artes* “desocultou” o quilombo - Caiana dos Crioulos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p. 77-93, jul./dez. 2023.

Para citar este texto (APA): Da Silva, Elizabeth Olegário Bezerra. (jul./dez.2023). Como o *Correio das Artes* “desocultou” o quilombo - Caiana dos Crioulos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 77-93.

